



## **Ainda em processo de reorganização, setor precisa recuperar canaviais para aumentar a produção para o atendimento do mercado de etanol e açúcar**

Renato Anselmi

**A**s unidades produtoras de cana, açúcar, etanol e, mais recentemente de bioeletricidade – gerada a partir do bagaço e, em alguns casos, da palha - colocaram o “pé” no freio, nos últimos anos, para reduzir o acelerado crescimento do setor sucroenergético brasileiro.

Diversas usinas e destilarias diminuíram ou cortaram drasticamente seus investimentos, até mesmo de manutenção dos canaviais, por causa dos preços de seus produtos, que estavam baixos, e da crise econômica mundial.

Algumas empresas, que enfrentaram uma situação mais complicada, foram inclusive incorporadas ou adquiridas por grandes grupos nacionais e principalmente estrangeiros. Na melhor das hipóteses, participaram de um processo de fusão com os novos empreendedores.

Além de todas essas negociações, os projetos greenfield, provenientes de grupos tradicionais, novos investidores ou da parceria entre ambos mudaram o perfil da agroindústria canavieira que passa novamente por momentos de agitação.

A necessidade de retomar investimentos e ampliar a produção para atender a elevada demanda de etanol

devido ao sucesso nas vendas do carro flex e ao momento favorável do açúcar no mercado externo está sendo acompanhada por dúvidas e incertezas.

Falta uma política pública clara de inclusão do etanol na matriz energética brasileira, segundo Edgar Gomes Ferreira de Beauclair, professor do Departamento de Produção Vegetal da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), de Piracicaba, SP.

**Agenda política** - Para ele, o governo precisa dar uma sinalização positiva, criando uma agenda política para a agroindústria canavieira, para que o investidor tenha condições favoráveis de colocar o seu capital no setor de produção.

“A taxa Selic superior a 12% ao ano estimula o investimento em título da dívida pública”, observa.

De acordo com ele, outro entra-

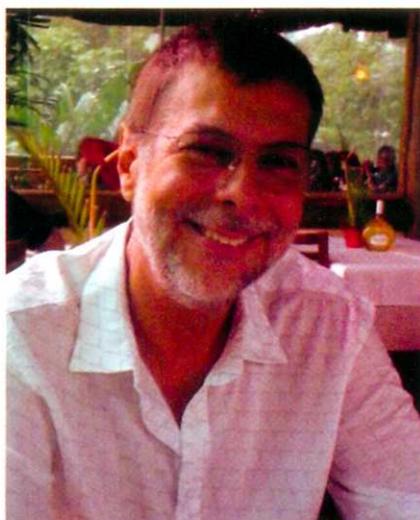
ve é o preço da gasolina mantido artificialmente, de maneira estável, pelo governo que acaba subsidiando o produto. O etanol se torna vantajoso, para o consumidor, se o preço do litro custar até 70% do preço do litro da gasolina.

Edgar Beauclair defende também a criação de linhas de crédito que ofereçam condições mais favoráveis de financiamento, tanto para usinas e destilarias interessadas na aquisição de equipamentos, como também para as empresas que desenvolvem e fabricam esses produtos.

“Toda a cadeia produtiva está descapitalizada”, constata.

Ele ressalta a necessidade do governo investir em logística para que ocorra redução de custos no escoamento da produção.

A inclusão da cana-de-açúcar na Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) é outra necessidade do setor, segundo Paulo Sergio de Marco Leal, presidente da Federação dos Plantadores de Cana do Brasil (Feplana), que representa 60 mil produtores independentes, responsáveis por 35% dos canaviais do país. “Existe parecer favorável da Advocacia Geral da União para inclusão da cana na PGPM”, enfatiza.



“Apenas algumas usinas mais capitalizadas estão utilizando as inovações”, afirma Edgar Beauclair, da Esalq/USP

versos Estados e a criação de incentivos fiscais e tributários para as usinas que adquirirem 40% da cana de produtores independentes, entre outras medidas.

**Canaviais combatidos** – Apesar do balanço geral das expansões e recuos estratégicos ocorridos nos últimos anos registrar um saldo positivo, o setor sucroenergético não deixou de fazer vítimas, entre as quais, os próprios canaviais que ainda colhem os efeitos da redução de práticas de adubação, calagem, tratamentos culturais, controle de pragas e da reforma de canaviais.

## O desempenho de algumas lavouras na região Centro-Sul, incluindo o Estado de São Paulo, tirou o sono de produtores

Além da questão da PGPM, a Feplana encaminhou documento ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), solicitando um aumento do prazo de financiamento para o plantio de cinco para dez anos, a equalização do ICMS do etanol que tem diferentes taxas em di-

A diminuição de investimentos nas lavouras começou a acontecer em 2006, quando os preços dos produtos do setor não estavam favoráveis, conforme relata o professor da Esalq, Edgar Beauclair. Em 2008, a situação se agravou ainda mais com a crise econômica mundial.

Nem mesmo a presença de grandes grupos estrangeiros no setor sucroenergético trouxe um alento, pelo menos de forma imediata, para os combatidos canaviais brasileiros, de acordo com Edgar Beauclair, que coordena um grupo de estudos sobre cana-de-açúcar na Esalq.

“Os investimentos nas lavouras ficaram em um segundo plano”, afirma.

A maior preocupação desses grupos foi, inicialmente, com a melhoria das plantas industriais e o saneamento das finanças, nos casos de aquisições, fusões e incorporações.

Essa situação começou, no entanto, a mudar. Com os problemas apresentados pelos canaviais, principalmente queda de produtividade, os grandes grupos estão se conscientizando – destaca Edgar Beauclair – que precisam realizar investimentos nas lavouras.

Ele observa que ações nessa área não estavam sendo realizadas por parte dessas empresas, porque elas não estavam familiarizadas com a cultura. Na avaliação do professor da Esalq, a partir do momento que começaram a trabalhar com os cuidados dos canaviais, de maneira mais sistemática, esses grupos passaram a desenvolver suas ações com bastante profissionalismo.

Em outras empresas, com uma realidade distante do universo das grandes corporações, as decisões da área financeira “castigaram” os canaviais, reduzindo o potencial produtivo.

Além disso, os recursos escassos precisaram ser canalizados para a aquisição de colhedoras, com o objetivo de se cumprir as metas do Protocolo Agroambiental do Setor Sucroalcooleiro que prevê o fim da queima da palha da cana para a realização do corte manual.

Edgar Beauclair acrescenta ainda outro componente negativo a esse quadro: houve uma redução significativa da renovação dos canaviais. Segundo ele, o índice médio da reforma das lavouras de cana é de 17%.

A realizada no atual período, mas que terá reflexos na safra 2012/13, ficará em torno de 8%, conforme previsões do professor da Esalq. Ele revela que este índice é su-



Paulo Leal, presidente da Feplana

perior, chegando a praticamente dobrar, em relação aos anos anteriores.

**Queda de produção** - As consequências dos baixos investimentos, somadas às adversidades climáticas, serão responsáveis pela redução da moagem de cana e, em decorrência disto, da produção de açúcar e etanol, apesar do mercado favorável para esses produtos, de acordo com avaliação de Edgar Beauclair.

Ele cita as geadas no Paraná e Mato Grosso do Sul e o florescimento da planta – decorrente do período de chuvas nos meses de fevereiro e mar-

ço, com pouca insolação -, principalmente em São Paulo, como eventos recentes desfavoráveis para o desenvolvimento do canavial.

A previsão do coordenador do grupo de estudos sobre cana-de-açúcar da Esalq é que a moagem na região Centro-Sul na safra 2011/12 não ultrapassará 520 milhões de toneladas de cana. A projeção da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) é de 510,24 milhões de toneladas conforme levantamento divulgado em 11 de agosto, uma redução de 4,36% em relação à estimativa divulgada em 13 de julho (533,50 milhões de toneladas) e queda de 8,39% sobre o resultado final da safra 2010/11 (556,95 milhões de toneladas).

Edgar Beauclair ressalta que a normalização da produção dos canaviais, mesmo com a ampliação imediata dos investimentos no setor, vai demorar uns três anos. O setor sucroenergético está preocupado em recompor as suas lavouras de cana para que possa criar condições para o crescimento vertical de sua produção e dar conta da elevada demanda de açúcar e etanol.

O desempenho de algumas lavouras na região Centro-Sul, incluindo o Estado de São Paulo, o maior e mais avançado produtor de cana do Brasil, que chegaram a registrar um rendimento de 40 toneladas de cana por hectare (TCH) – segundo Edgar Beauclair – tirou o sono de produtores.

Esse número considerado pífio em relação à média da região que é de 80 TCH, vai contribuir para a diminuição do rendimento para até 75 TCH na safra 2011/12, dependendo da resposta das lavouras ao que foi feito no ano passado, analisa o coordenador do grupo de estudos sobre cana-de-açúcar da Esalq.

Além de renovar o canavial en-

velhecido, o setor sucroenergético tem espaço para expandir, de maneira significativa, a área de cana. O parque industrial está capacitado, atualmente, para absorver mais 150 milhões de toneladas de cana, de acordo com o presidente da Feplana, Paulo Leal.

Existe atualmente uma ociosidade nas plantas industriais devido à falta de matéria-prima. Por isso, ele não acredita no surgimento imediato de um novo ciclo de implantação de novas unidades, pois o aumento de produção no setor depende, num primeiro momento, de maior disponibilidade de matéria-prima.

**Novas tecnologias** - O “boom” do carro flex – foram vendidas 2,9 milhões de unidades em 2010 -, as boas perspectivas de exportação desse biocombustível e do açúcar não vão frear a ascensão da demanda.

Para suprir esse mercado, o setor não terá como fugir da construção de novas unidades nos próximos anos, que deverá ser acompanhada, no entanto, da elevação de eficiência, não somente da área agrícola, como também do processo de produção industrial. “Existe atualmente um leque



José Ieda Neto, consultor



O parque industrial está capacitado, atualmente, para absorver mais 150 milhões de toneladas de cana

enorme de novidades tecnológicas. Mas, apenas algumas usinas mais capitalizadas estão utilizando essas inovações”, afirma Edgar Beauclair, da Esalq/USP.

O engenheiro José Ieda Neto, diretor da Ieda Neto Engenharia e Consultoria Industrial, de Araras, SP, observa que a aquisição de equipamentos visando a modernização das plantas industriais criará condições para o aumento da eficiência e a diminuição de custos nas unidades sucroenergéticas.

“O momento é favorável para investimentos, porque os mercados de açúcar e etanol estão compradores”, ressalta.

Ele avalia, no entanto, que somente os novos grupos que atuam no setor e as empresas que já estão com a “saúde” financeira recuperada apresentam condições de realizar investimentos.

Além das soluções disponíveis no mercado, o setor sucroenergético deverá contar também com tecnologias

inovadoras e inéditas para que ocorra o aumento expressivo da produção.

Uma delas é o aguardado etanol de segunda geração, obtido a partir da hidrólise do bagaço de cana, que começará a fazer parte das linhas de produção das destilarias brasileiras em um prazo que não deverá ultrapassar cinco anos, conforme avaliação de José Ieda Neto.

Ele observa que esse prazo poderá ser abreviado em decorrência de novas tecnologias que estão surgindo nessa área.

Ao mesmo tempo em que cresce a perspectiva de uso do bagaço – geralmente utilizado para geração de energia elétrica – na fabricação de etanol, aumenta a possibilidade de disseminação do emprego da palha da cana para a produção da bioeletricidade.

De acordo com o consultor de Araras, poucas usinas fazem, atualmente, a queima dessa biomassa em caldeiras instaladas em suas unidades industriais.

O aumento substancial da palha, deixada no campo pela colheita mecanizada de cana, ampliou a disponibilidade de matéria-prima para a geração de energia, que é consumida na própria usina e vendida para terceiros.

Para viabilizar o emprego da palha na produção de bioeletricidade, as usinas devem definir qual é a quantidade dessa biomassa que deve permanecer no campo, para proteger o solo. José Ieda Neto calcula que o índice de 50% é uma boa indicação.

A outra metade, após ser transportada junto com a cana e separada por uma estação de limpeza a seco, vai ser queimada nas caldeiras e gerar mais energia elétrica e financeira para as usinas. A “revolução” da palha vai estar totalmente implantada daqui a um período de cinco a dez anos – conforme previsão do consultor de Araras -, criando novos caminhos para um setor que vive momentos frequentes de agitação e mudança.